

Sarnento e a Cobra Sofia: o malandro e o camelô no cotidiano citadino da narrativa literária de Luiz Beltrão¹

Eliane Penha Mergulhão Dias²

Docente FATEC-SJC; UNIP-SJC;

São José dos Campos, SP

Resumo

O artigo toma como *corpus* o capítulo VI de “Os senhores do mundo”, primeiro romance de Luiz Beltrão, no qual o autor descreve, dentre outras, cenas da cadeia e da praça. Tendo como elemento de atração a Cobra Sofia, o camelô atrai o público para vender remédios. O malandro, por um triz, escapa do flagrante policial. Nas cenas da praça e da cadeia o estilo do autor é jornalístico. Assim, o texto beltraniano é duplamente oportuno neste estudo, já que contém características literárias – de realidades possíveis – e jornalísticas – de comunicação necessária. A literatura de Beltrão mostra a Recife dos anos 1950, mas que, em sua arte narrativa e graças aos elementos folkcomunicacionais, ela reflete ainda hoje a realidade de muitas cidades brasileiras.

Palavras-chave: Folkcomunicação; narrativa literária; Luiz Beltrão; cotidiano citadino.

Introdução

« *Manual de resistência*

“Não deixe que te peguem no cantão dos muros; não permita que te surpreendam a bala, algema ou susto. Aguenta o tranco, bicho, e não olha pra trás”

(Wilson Bueno, 2007b, p.87). »

Luiz Beltrão (2006) lembra que o jornalismo é uma atividade que – por decorrer de necessidade social – foi o primeiro veículo da mídia escrita. A representação literária, a sua vez, em sendo expressão das relações sociais, torna-se o lugar em que a cultura de um

¹ Trabalho apresentado ao DT8 – Estudos Interdisciplinares, GT Folkcomunicação, ao XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 4 a 7 de setembro de 2015.

² Tem Pós-doutorado em Comunicação Social (UMESP), doutorado em Ciências Sociais (UMESP), mestrado em Língua Portuguesa (PUCSP), especialização em Literatura Brasileira (UNISANTA) e formação em Letras (UNIVAP).

grupo se mantém e se atualiza. Com tais premissas, nosso estudo contempla tanto o jornalismo quanto a literatura para expressar, no âmbito das cidades brasileiras, no contexto da Folkcomunicação, alguns matizes das relações sociais menos conhecidas da maioria das gentes, a relação dos oprimidos, dos sem-direitos, dos zés-ninguéns.

O texto que analisamos neste estudo contém aspectos, os quais vamos focalizar, da cultura popular nordestina, aspectos tais que compõem o elenco, estipulado por Beltrão (1980), como sendo marcas sociais e literárias da Folkcomunicação. Vale notar que a Folkcomunicação não é uma teoria sobre um objeto e sim sobre um processo, ou seja, um modo de comunicar e receber determinadas mensagens e, ao mesmo tempo, atualizar seus conteúdos para poder em seguida transmiti-los. A folkcomunicação, como processo, decorre necessariamente do jornalismo, tendo como base a cultura popular e o folclore. (BELTRÃO, 2001)

Sobre o autor, podemos dizer que Luiz Beltrão escreveu, a partir da década de 1930, na imprensa de Recife, e foram encontrados elementos suficientes para amparar a afirmação de que esse autor, desde o início de sua carreira, foi um comunicador interessado na cultura popular. Segundo seu biógrafo (BENJAMIN, 1998), desde o início de seu fazer jornalístico, LB já escrevia matérias sobre as festas populares.

Diante de tal contexto, após a leitura do texto literário de Luiz Beltrão, a indagação que colocamos aqui como problema a ser respondido é: Pode-se dizer que na narrativa literária de Beltrão estão presentes elementos folkcomunicacionais? E ainda: Será possível levantar no capítulo do romance “Os senhores do mundo” (1950) palavras e expressões que denotem, no *habitus* nordestino, rastros do folclore e da cultura popular brasileira como elementos básicos de folkcomunicação?

Pela teoria da Folkcomunicação (Beltrão, 2001), três hipóteses alavancam a pesquisa:

- (1) a obra literária de Luiz Beltrão, como exemplar linguístico, contém elementos textuais que identificam aspectos do *habitus* da cultura brasileira e nordestina;
- (2) Luiz Beltrão, como jornalista e professor, apresenta preocupação em postular uma teoria que contemple os problemas da comunicação no Brasil, mediante, principalmente, as diferenças de linguagem das diferentes classes sociais;

- (3) a teoria da Folkcomunicação, como teoria acadêmica, apresenta-se como ferramenta que facilitaria uma aproximação dos campos de conhecimento – acadêmico e popular – na Comunicação Social, no Brasil e na América Latina.

Os Objetivos da proposta deste estudo são dois:

- (1) evidenciar na obra que serve de *corpus* os elementos que mostram aspectos da cultura popular nordestina e que são também elementos folkcomunicacionais e, à luz da teoria da Folkcomunicação, demonstrar como o autor trabalha aspectos do cotidiano da cidade, mostrando um lado escuso, que não é do conhecimento de todos (cadeia), e outro lúdico, mundano, que todos reconhecem (praça);

- (2) mediante a análise do capítulo do romance, fazer inferências que ajudem a identificar o cotidiano desses sujeitos (camelô e malandro) que perambulam pela cidade e que, por serem figuras anônimas, fazem parte desse cenário citadino em muitas cidades do mundo.

Ao escolher este caminho de estudo, nós o justificamos diante de uma demanda que ocorre na Academia, já há algum tempo. O estudo das comunicações, nesse mundo globalizado, cerca-se de alta importância, já que a sociedade contemporânea – cujos meios de produção de valores põem em circulação também os bens simbólicos – está constituída no entrelaçamento dos processos comunicacionais. (MARQUES DE MELO, 1998)

Na nossa sociedade, “o conhecimento e a avaliação dos agentes, instrumentos e efeitos da comunicação coletiva tornaram-se”, atualmente, “tarefa fundamental de sobrevivência, adequação e aperfeiçoamento tanto dos meios de informação quanto dos grupos de elite” (BELTRÃO, 2001, p.53).

Desse modo, a importância de desvendar o panorama desse mundo comunicacional proposto por Beltrão tem, de modo geral, equivalência aos estudos de comunicação na sociedade contemporânea, principalmente no Brasil que, na visão do autor, apresenta-se dicotômico em sua estrutura social e cultural. O jornalismo – primeira manifestação da mídia escrita – foi, de acordo com as pesquisas históricas de Beltrão, um dos responsáveis pela cisão no âmbito das comunicações no nosso território. Quando a comunicação deixa de ser linear, ela sofre um corte profundo e é ele que provoca o ruído que atrapalha e emissão e a recepção das mensagens entre os diferentes grupos sociais (BELTRÃO, 1980; 2001). Hoje, a academia, como lugar de pesquisa, hospeda e desenvolve estudos sobre o processo de produção, modos de reprodução, de transmissão e armazenamento de mensagens, sobre e pelas teorias da comunicação.

O cotidiano citadino: a praça e a cadeia

“Os fatos sociais não surgem prontos na realidade: eles precisam ser conquistados das percepções ordinárias e do senso comum acadêmico”

(Loïc Wacquant, 2002b, p.105)

O primeiro romance de Luiz Beltrão, que foi publicado como folhetim e, somente depois, em livro, apresenta capítulos com uma estrutura quase que totalmente independente, de modo que se pode analisá-los como contos. Essa qualidade do livro já oportunizou outras análises, que apresentamos em encontros de estudo em várias ocasiões (DIAS, 2006).

Dessa vez, nosso foco recai sobre o capítulo sexto, que com picardia e coragem narrativa mostra um instantâneo da cidade do Recife dos anos 1950, e que apesar de ser texto literário está assentado sobre as bases de uma realidade muito próxima da vida do jornalista que palmilhava a cidade em busca de notícia e que, certamente, como ninguém, observava suas nuances para compor seus textos, seus contos, suas novelas.

Vamos ver, então, como LB tece sua trama entre a cadeia e a praça, neste capítulo sexto, de título tão poético³:

Sarnento fora preso para averiguações. Faziam sempre assim: quando se registrava um furto qualquer na cidade, detinham todos os malandros fichados, especializados no ramo, em liberdade no dia seguinte ao registro da queixa pela vítima. Levavam para o xadrez, submetiam, primeiro pró-forma, a um interrogatório. Depois, falava a *macaca*. Na planta dos pés e nas palmas das mãos. Os guardas carcereiros, que faziam as vezes de carrascos, revezavam-se no ofício. A sala, que chamavam de *escola*, era pequena; o *bureau* do delegado, a mesinha do escrivão com uma máquina de escrever, uma lâmpada de 100 velas voltada para a “parte” que estava sendo interrogada; uma cadeira de assento de pau. Os homens eram trazidos em cuecas, do xadrez para a salinha, e postos em fila.

Sarnento é um dos malandros da horda de despossuídos do romance, e que neste capítulo é o protagonista da trama, e também um narrador em *flashback*. Ele está indo para

³ BELTRÃO, Luiz. “Podem-se contar estrelas...”. In: Luiz BELTRÃO. **Os senhores do mundo**. Recife: Folha da Manhã, 1950, p.55-65. (Obs.: todos os *grifos* e *aspas* do texto são do original.)

a delegacia, já sabe o que o espera – pancadas, dores e noites em claro – mas vai feliz e ainda sorri. Mas qual será o motivo dessa alegria?

Agora mesmo, quando os “tiras” o conduzem para o xadrez, Sarnento sabe o que o espera. Sabe o que Mascote não deve jamais saber. Por isso, sorri um sorriso tranquilizador para a menina.

Mascote é uma garotinha que mora nos mocambos, vizinha de Sarnento, e que vive na companhia de uma mãe alcoólatra e cruel. A menina, todas as noites, leva surras tremendas quando a mãe chega em casa bêbada. Sarnento se apieda da criança, mas nada pode fazer por ela. A única alegria de Mascote, depois de levar o almoço no trabalho de sua mãe, e sem que ela saiba, é ficar um pouquinho de tempo na praça, espiando o movimento dos moleques, ouvindo histórias na escadaria da matriz, olhando o “homem da cobra”. É por isso que Sarnento sorri para ela, ao passar ladeado pelos guardas-civis. Enquanto caminha, ele vai passando na mente as lembranças da cadeia, por onde tantas vezes já ficou, tantas vezes tendo ido preso por roubos que não cometeu. Mas como pode? Se ele não roubou, vai preso e ainda apanha? Pois é; é assim mesmo como conta o conto:

O delegado examina a lista, e chama o primeiro suspeito.

— Você, “Garrafão”, que sabe desse furto da Boa Viagem? Vamos, vamos, que não temos tempo a perder.

— Não sei de nada não, “seu” delegado.

O delegado levanta o queixo, acenando para o carcereiro, que exhibe uma palmatória descomunal ou, simplesmente, um cassetete de borracha.

— É para você, “Garrafão”; quem teria sido o ladrão?

O escrivão põe os dedos no teclado, pronto para registrar o depoimento, cuja fórmula inicial já estava pronta: Aos tantos dias do mês tal do ano qual, em presença das testemunhas Fulano e Sicrano, no gabinete do Delegado de tal Delegacia, interrogado sobre o furto de joias verificado no dia ... na casa à Av. Boa Viagem número tal, residência do sr. D. ..., de livre e espontânea vontade, o indivíduo conhecido pela alcunha de “Garrafão” declarou que... E como os interrogados nem sempre tinham, de pronto, a “livre e espontânea vontade” de declarar algo, o escrivão somente escrevia o nome do declarante depois que ele falava.

— Nem sei mesmo, doutor. Eu não fui. Sarnento, que está aqui, também não foi. “Bicicleta” está em Itamaracá. “Paraíba do Talho” morreu na faca... (faz uma pausa, olha os demais companheiros). Gregório, ali, me jurou pela Virgem Maria que ontem não andou por aquelas bandas. Garanto, “seu” delegado, que nem posso calcular o culpado...

Outro aceno do delegado. O guarda-civil vem com a palmatória:

— Passa a mão, cabra safado.

“Garraão” estende a mão esquerda. Sabia que, se não submetesse, seria muito pior. O guarda levanta a palmatória, atirando-a com toda a força na palma do malandro, que urra de dor.

No mundo dos desvalidos, dos zés-ninguéns, dos sem-direitos, e que fica patente nesse texto, há uma ética de grupo, um acordo tácito de autoproteção, de um encobrir o outro para, no futuro, ser também encoberto, protegido. A chamada lei do silêncio funciona na tribo dos malandros, e tanto os mais fortes protegem os mais fracos quanto – de modo geral – uns protegem os outros com silêncio e tempo. Sarnento sabe que essa é a lei, e se cala. Segue para averiguações, e continua sua narrativa mental de lembranças...

Uma vez – Sarnento lembrava-se bem – numa das aulas, um preso mijou-se somente de ver o suplício, o que não adiantou de nada, pois a coisa ainda foi mais dura quando chegou a sua vez. Ficou conhecido como Zé Frouxo.

[...]

A *aula* prosseguia com a chamada dos outros *alunos*. Um por um, eram os *declarantes* submetidos ao *interrogatório*, até que, “por livre e espontânea vontade”, confessassem a autoria do crime, ou prestassem qualquer informação útil, fornecendo à argúcia do delegado e dos investigadores a pista para a captura do gatuno.

Às vezes o delegado perdia a paciência. Na *escola* hermeticamente fechada, o calor sufocava. O delegado então saía para tomar um pequeno café ou um refresco. A *aula* continuava ainda mais feroz, mais impiedosa, mais fria. De outras vezes, suspendia a função por vinte e quatro horas até que “esses cabeças-duras resolvam falar”. No dia seguinte, continuava o “interrogatório” com o mesmo ritual. Uma variação apenas: a “parte” (era a linguagem do escrivão) deitava-se ao comprido no chão, entregando as plantas dos pés às *carícias* do cassetete. Nos pés nunca se usava a palmatória...

Lá fora a vida segue. A praça continua sendo o local de encontros, de ajuntamentos, de distrações. O Pátio do Mercado, ao lado da Igreja, está de frente para a praça; ali é o local simbólico do romance, para onde todos se dirigem para contarem as aventuras e desventuras da noite anterior. Da próxima vez, nosso protagonista vai dar boas risadas do drible de mestre que conseguiu dar na polícia nesse dia. Foi preso, sim, mas ele não acredita que já tenha sido descoberto seu furto:

Além do mais, não ia pagar inocente. Pode ser que não se trate do seu caso. Não acredita, mesmo, que tão depressa a polícia houvesse sido informada e desse um golpe certo, prendendo-o. Ademais, esperava que o furto daqueles dois contos de réis passasse despercebido. O homem que lhe “emprestara” o dinheiro possuía uma

casa muito bem instalada, no arrabalde dos Aflitos, onde residiam algumas das mais ricas famílias do Recife. Dois contos valiam tanto para ele como dois mil réis para o pessoal do Pátio do Mercado. De certo, era outro caso qualquer, mais importante.

Essa moral *relativa* dos contos e do romance é típica de LB, que prefere “proteger” os desvalidos, os pobres do mundo. Para ele, como um Robin Hood⁴, tirar do rico para dar ao pobre só é crime para a polícia, que tem como função a de proteger o capital das elites.

Antes, porém, de contar o momento crucial da trama, em que o malandro mais uma vez vai dar uma “volta” na polícia, o autor coloca, na voz do protagonista, uma lembrança episódica para que o leitor fique sabendo um pouco mais acerca daquela lei tácita que, de algum modo inexplicável, funciona no grupo e protege seus membros. Segue a lembrança...

Sarnento recorda também um episódio em que fora testemunha, havia uns cinco anos. Episódio estranho, quase inacreditável. Entre os *tiras* e guardas que assistiam à *aula*, havia um estudante de Direito que praticava na polícia. Fora convidado, na qualidade de amigo do delegado, a assistir ao interrogatório, que já ia no seu terceiro dia. Quando o expediente começou, o moço engoliu em seco, esbugalhou os olhos, ficou pálido. Até parecia que ele era quem estava levando os *bolos*. Não aguentou muito tempo o espetáculo. Apelou para o delegado: não era possível que o ladrão estivesse entre aqueles homens, de mãos, punhos, pés e tornozelos enormemente grossos e vermelhos de pancadas. O delegado deu o braço ao estudante e foram saindo juntos. Sarnento ainda ouviu um trecho da conversa:

— Ora, meu caro. Você não conhece da missa um terço. O ladrão está entre aqueles cinco. Pode crer, ladrão só confessa apanhando muito...

O engraçado é que o delegado tinha razão: naquele mesmo dia, “Agulha Negra” abriu-se, contando tim-tim por tim-tim como tinha cometido o furto e a quem vendera o produto da pilhagem. A polícia saiu no encalço do receptor, mas não conseguiu nada: tudo já havia sido passado nos cobres. Por isso, “Agulha Negra” aguentara firme tantos dias...

E este era o segredo! Cronos também protege os malandros. Ou seja, enquanto ficam na cadeia, enrolando o delegado, mesmo apanhando, lá no fundo eles se sentem vingados das pancadas, pois sabem que o tempo corre a seu favor, e os protege; assim, os comparsas poderão vender o fruto do roubo. Não havendo prova material, a polícia nada pode fazer contra os ladrões.

Enquanto caminha para a delegacia, sorri para Mascote porque pensa que ela nunca irá passar pela cadeia, e isso o faz feliz por um instante. Sarnento, como narrador-

⁴ Robin Hood é um herói mítico inglês, um fora-da-lei que roubava da nobreza para dar aos pobres, aos tempos do Rei Ricardo Coração de Leão. Era hábil no arco e flecha e vivia na floresta de Sherwood. Há também um filme homônimo.

personagem do capítulo sexto, precisa dar conta de explicar o que tem a ver o camelô e a Cobra Sofia com toda essa história. Ele estava saindo da praça quando os “tiras” o pegaram.

Além dessas razões para estar alegre, Sarnento se enche de satisfação pelo golpe que deu nos “tiras”. Chegara no Pátio do Mercado com o dinheiro pesando no bolso da calça fazia uma meia hora, apenas. Depois de uma ligeira refeição no Café Realce, quando pagou uma conta atrasada a Tibúrcio, saíra para o sol. Ainda era cedo para o encontro com Chico de Inácia e os outros no bate-papo de todas as tardes, nos degraus da basílica. Avistou, próximo ao jardim, um ajuntamento. Era uma grande roda que se formara em torno do “homem da cobra”. Gostava de ouvir a ladainha do camelô, que trazia uma serpente enrolada no pescoço. A cobra se chamava “Sofia” e já fazia parte do mundo do Pátio do Mercado. Agora, ela parecia dormir, a cabeça repelente repousando no ombro do propagandista que anunciava:

— Distintos cavalheiros e nobres senhoras! Tenho aqui três medicamentos de um só fabricante. Dois são “de graça” para quem um levar. Custa apenas mil réis. É um sabão para coceiras, que não faz mal nem às criancinhas de peito. Este paga! Quem o comprar leva de graça uma pomada para calos. Não corte mais seus sapatos. Upa! A grande descoberta da natureza milagrosa do Brasil: um pó para matar formigas, ratos e outros bichos daninhos. Na farmácia, o preço é de *amargá*. Aqui não custa nada. Somente o sabão para coceiras paga. Um mil réis. Por um mil réis, o cavalheiro não paga nem o conselho que aqui estou dando...

A roda estava interessada e crescia a cada instante. O camelô agora chama atenção para um pacote que traz debaixo do braço. E vai vendendo:

— Um pra aqui. Outro pra lá. Muito bem, senhores distintos “cavaleiros”. Agora, um ali para “seu” Pascal.

De dentro do pacote salta um camaleão esperto, piscando para o sol e para os assistentes. A cobra parece despertar, estira a língua fina e vermelha, fixa os olhos parados no camaleão. “Seu” Pascal nem liga. Fica saltitando entre o caixote de “medicamentos” e o *reclamista*. A assistência ri com a vivacidade do camaleão e vai comprando os “maravilhosos produtos de um só fabricante”. Pingam as pratas.

Beltrão aqui faz uma afirmação pela voz de seu protagonista. De algum modo ele deixa implícita na narrativa que o camelô é cúmplice da polícia. Nos dias de hoje é difícil de acreditar que algum dia isso pudesse ter ocorrido. Na Recife daqueles anos cinquenta, muita coisa era muito diferente de hoje, a começar pelos motivos que levavam os malandros à prisão, ou seja, roubos de dinheiro ou de joias, aqui e ali alguma trapaça num negócio malparado. O infortúnio dos malandros era bastante romântico, ainda.

Bem, vamos então saber como foi que o malandro, com a proteção do ajuntamento em torno do camelô conseguiu se safar do flagrante:

Sarnento espia o espetáculo, escuta as *cantadas* do camelô, mas não deixa de observar as entradas da praça. A polícia dá ordem aos camelôs para fazerem os ajuntamentos, e ali dá a *cana* em quem bem entende. Sarnento avista Pretinho que

vem chegando pelo oitão do mercado, do lado da rua da Praia. Quase ao mesmo tempo, enxerga Benedito se aproximando, vindo da rua do Livramento, acompanhado de quatro caras que não podem disfarçar o seu jeitão de *tiras*. Era hora de agir. Benedito é informante da polícia, espião, araque.

O camelô voltou a “discursar”. Sarnento vai se aproximando de Pretinho, que se encontra do outro lado da roda, ouvindo, distraído, a conversa do propagandista. Estão juntos, agora. Veem-se, mas se fazem de estranhos. Sarnento, cuidadosamente, imperceptivelmente, passa-lhe o maço de cédulas. Pretinho está acostumado com aquelas manobras. Recolhe o dinheiro e vai se metendo pelo meio do povo, mais para perto do camelô. Sarnento se afasta, fazendo-se o descuidado, em direção ao Mercado.

Não anda muito. Benedito, de certo, já o teria apontado. Os *tiras* cercam o malandro, já acompanhados de um guarda-civil.

— Vamos, ali, à delegacia, cabra.

Sarnento não reage. Por um triz, não fora pegado com *a mão na cumbuca*. Vai entre os “*tiras*” com aquele ar alegre, triunfante, que Mascote observa de passagem, um ar que a tranquiliza. Não há de ser nada.

A polícia manda o camelô ir andando. Ele conta o rendimento do dia e sai satisfeito pelas vendas que conseguiu fazer. Apenas um figurante na trama de LB, que numa espécie de alegoria, como chamariz, tem sua função no centro da praça. A Cobra Sofia, um animal “repelente”, como nomeia o autor, é a peça midiática da propaganda, que faz com que a curiosidade dos transeuntes seja aguçada. Ela tem nome. O camelô, não.

O camaleão, que num primeiro momento parece que vai ser comido pela cobra, também tem sua função de “peça” de propaganda de menor relevância. Desse modo, na trama, a Cobra Sofia e seu camelô poderiam ser os antagonistas, caso se considere correta a informação de que ele servia à polícia. Por outro lado, pelos fatos, eles acabaram por se tornarem figurantes ao acaso na cena de sorte em que ocorreu o desfecho da trama.

Hoje, sabe-se que a função do camelô é muito distinta, e que camelôs e policiais não são mais tão amigos como conta o romance. Imaginação criativa à parte, é possível pensar que esta fosse, mesmo, a realidade daqueles tempos. E, para finalizar a exposição da narrativa, o autor escreve:

Na praça, depois da *batida*, a polícia manda o camelô ir andando. O homem da cobra guarda os produtos e conta as pratas obtidas. Sorri satisfeito, limpa o suor da testa com as costas da mão, carrega o caixote nos ombros e o embrulho com o camaleão debaixo do braço. “Sofia” vai confortavelmente enroscada ao seu pescoço. E porque está satisfeito com o êxito do seu “discurso”, cantarola o estribilho de um samba que compuseram em sua homenagem:

“Vou meter mãos à obra
eu e minha cobra, fazendo magia.
Vamos, Sofia!
Bota a cabeça de fora
Mostre a essa gente
que também conheces
psicologia e filosofia.
(E assim eu ganho o meu dia!)

Como o “homem da cobra”, em praças de cidades grandes e pequenas, Brasil afora, também havia os homens das fotografias, os do rialejo, que carregavam o periquito da sorte, o vendedor de algodão-doce, o de bexigas coloridas, o dos pirulitos... e tantas outras coisas que, antes, eram típicas das praças e que – com as mudanças da cidade – mudaram de perfil ou deixaram de existir...

A praça era um mundo de fantasia e sonho que preencheu momentos da infância de muitos dos que hoje somos adultos.

Podem-se contar estrelas...

« Igual que um bicho
“Leva jeito, batido vagau, de que somos mesmo
portadores de uma mensagem que não deciframos
jamais; e se tentas penetrar o mistério, o que
encontras é luto de apodrecidas estrelas, a asa
aziaga, o breu, o ultraje, o medo, e a morte como a
mais vitoriosa manifestação de um fracasso”

(Wilson Bueno, 2007a, p.104). »

Quando lemos o título do capítulo sexto do romance, e em seguida entramos na trama das lembranças do protagonista, que vai, em *flashback*, contando coisas da cadeia, ele parece meio sem sentido. No entanto, a nosso ver, esta é a parte mais lírica do texto, pois deixa aparente um lado romântico do *pobre malandro*, que apesar das dores ainda olha o céu...

Depois da *aula*, eram novamente recolhidos às celas. Entregavam-lhes uma lata com água de sal para a *higiene*. Sentavam-se no chão frio, com as mãos ou os pés metidos na lata, ficavam acompanhando a claridade do dia que se esvaía pelo quadradinho gradeado do xadrez. Vinha a noite, noite de dor e febre. Diziam que era impossível contar as estrelas do céu, as areias da praia e as gotas d’água que formavam o grande mar. Mas Sarnento sabia quantas estrelas havia no pequenino

céu da prisão, no pedaço de céu que se avistava através das barras de ferro quase junto ao teto. Contara muitas vezes, nas noites escuras de tormento, os pontinhos brilhantes, pisca-piscantes, que pareciam namorar à antiga as incontáveis areias e as incontáveis gotas do mar azul profundo...

Nesse ponto, a narrativa de Beltrão, em sua essência, faz intertexto com os estudos de etnologia social, conforme exemplificamos na nossa tese, da qual recortamos um trecho para embasar nossa afirmação (DIAS, 2008). Ao descrever a moral do grupo de malandros, a narrativa corrobora o que estudos recentes atestam.

Löïck Wacquant (2002), ex-aluno de Bourdieu, explica que as raízes do *habitus* encontram-se na noção aristotélica de *hexis*, elaborada na doutrina sobre a virtude, e significa um estado adquirido e estabelecido firmemente no caráter moral que orienta os sentimentos e os desejos, numa tal situação que orienta, também, a conduta. Ao investigar a conduta e o *habitus* do gueto norte-americano, o dos lutadores de boxe, Wacquant afirma que os negros – socialmente excluídos – vivem no corpo a sua exclusão. E, para exemplificar sua afirmativa, e de como se dá esse processo, ele cita seu mestre Bourdieu:

Por meio de um jogo de palavras heideggeriano, poder-se-ia dizer que a disposição é exposição. Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto, posto em xeque, em perigo no mundo, confrontado ao risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, portanto obrigado a levar o mundo a sério (e nada é mais sério do que a emoção, que atinge o âmago dos dispositivos orgânicos), ele está apto a adquirir disposições que constituem elas mesmas aberturas ao mundo, isto é, às próprias estruturas do mundo social de que constituem a forma incorporada” (BOURDIEU, 1997a, p.168 *apud* WACQUANT, 2002, p.103).

Pelo sofrimento, os excluídos de qualquer grupo étnico ou social adquirem essa “moral de grupo” que os torna mais forte e que prepara seus corpos e mentes para suportar a dor. No entanto, dentro desse nicho, eles se fortalecem e resistem. Ao resistirem, tornam-se “senhores de seu mundo”, senhores de um mundo que não conhecemos, que apenas intuímos teoricamente.

Enquanto a praça é o espaço da ludicidade, que por seu espaço torna-se símbolo da liberdade, ela é também o local da possibilidade de evasão. Local da alegria!

Na narrativa, O contraponto, então, está na cadeia, local de privação da liberdade, privação dos direitos, da voz. As grades e a cela são o símbolo da opressão, da humilhação, da ausência de poder, da não identidade. Local da dor. Mas também da resistência, da força

muda da moral do grupo, em que a proteção do silêncio fortalece os excluídos, e os faz sentirem-se vingados contra a violência do algoz.

Considerações finais

“A absoluta falta de consolo é a única consolação possível”

(Benedito Nunes, 2009, p.21)

Nossos estudos da obra literária de Luiz Beltrão têm demonstrado que, ao tratar do tema, ela mantém vivo o embate entre indivíduos e suas crenças, operando no interior de camadas sociais distintas. Por isso, podemos afirmar que, no plano teórico, pela primeira vez, na academia brasileira, pelos estudos de Beltrão, os excluídos foram categorizados como classe social.

Embora sejam ainda os “sem-classe”, isto se comparados aos membros das elites econômicas, podemos nos animar com nossos estudos, já que começa a se fortalecer uma tendência de inversão de valores. Antes eram os pobres que imitavam os ricos. Dito de outro modo, eram os oprimidos que queriam imitar os opressores. Hoje, há um modismo que faz o caminho contrário.

Nesse sentido, o filósofo Renato Janine Ribeiro, escreveu isto que segue já há mais de dez anos:

Há uns anos, Marcelo Coelho comentava, espantado, um anúncio oferecendo fitas para aprender inglês – mas não com o acento da elite britânica, nem mesmo com o das classes dirigentes dos Estados Unidos, e sim com o dos negros norte-americanos: **tornava-se padrão o que antes era exceção**, norma o que fora desdenhado. A feijoada, emblema entre nós do prato dos escravos anexado pela culinária dos senhores, era uma exceção; parece que nas mais variadas culturas há comidas que se fazem com sobras, e que, portanto, representam a cozinha dos dominados, dos pobres, mas que a partir de um certo momento se vê incrementada, refinada e apropriada pelos ricos – a *olla podrida*, a *bouillabaisse*, e muitos mais; mas, ainda assim, a maior parte dos produtos requintados vem (ou, o que é mais importante, *acreditamos* que venha) dos de cima, não dos de baixo. Ora, esse quadro mudou; a norma fraca parece tornar-se forte: **cada vez mais, os ricos vão a bailes funk**; até um valor que sempre representou a distinção cultural e sobretudo social – a fala culta – perde muito de sua importância. (RIBEIRO, 2003, **grifo meu**)

Luiz Beltrão deu início aos estudos da Folkcomunicação na entrada da segunda metade do século XX, sem ter tido a oportunidade de presenciar a verdadeira “corrida do ouro” que ocorreu no campo das comunicações com o advento das tecnologias da informação e das comunicações. Ele nem poderia adivinhar os desdobramentos que já tiveram seus achados e as ramificações que rendeu a sua teoria.

Em nossas análises dos textos de LB, as descobertas se sucedem. A cada novo conto, mesmo sendo analisado à luz da mesma teoria – da Folkcomunicação – novos aspectos emergem e o aprendizado se renova, incentivando-nos a seguir a trilha e continuar buscando.

Dessa vez, em face do tema abordado, e dos objetivos desse núcleo de pesquisa que, sendo transdisciplinar, busca contemplar os seguintes objetivos: *estudar a interface que une a Comunicação e a cultura popular (folclore); oferecer condições para uma reflexão permanente e aprofundada da cultura popular brasileira e seus impactos na mídia (impressa, televisiva e radiofônica); possibilitar a troca de experiências entre teoria e prática, bem como o diálogo interdisciplinar dos pesquisadores que atuam na área de Folkcomunicação*, as análises do texto não focalizaram expressões pontuais, como foi feito na tese e em alguns dos trabalhos que deverão ser publicados em breve.

No entanto, a constatação de que a noção de *resistência* está dada no contexto da moral do grupo, passando pelo corpo e pela dor, fortalecendo uma união e um compromisso de proteção mútua, como o rastro de um *habitus* ancestral, desse ponto de vista, este foi um achado deste estudo.

Esperamos que novas descobertas sejam oportunizadas sempre que depararmos com um novo texto, o qual, como um baú tirado do mar, promete tesouros desconhecidos à curiosidade do pesquisador aventureiro.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP: Cátedra UNESCO, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Os Senhores do mundo**. Recife: Folha da Manhã, 1950.

BENJAMIN, Roberto (Org.). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife (PE): Associação da Imprensa de Pernambuco: Fundação Antonio dos Santos Abranches (FASA), 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5.ed.; 2.reimp. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BUENO, Wilson. “Memória do Caos – 7”. In: Wilson BUENO. **Diário vagau**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007b, p.87-89.

BUENO, Wilson. “Igual que um bicho”. In: Wilson BUENO. **Boleros Bar**. 2.ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007a, p.103-105.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Discurso, Sociedade e Cognição**: intertextos e interdiscursos na representação linguística da monocultura do café no vale do Paraíba. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) PUCSP, São Paulo, 2002.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. Bruxaria: sincretismo cultural em Luiz Beltrão. **Revista Comunicação e Sociedade**. Ano 29, n.º 47. Artigo apresentado no evento de comemoração dos dez anos da Cátedra Unesco-Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, UMESP, set/2006.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

NUNES, Benedito. “*De Consolatione Philosophiae*”. In: Benedito NUNES. **O dorso do tigre**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. “O passarinho de Godard”. Artigo escrito a partir do Prefácio para MENDES, M. Isabel de A. e TRACY Katia. **Noites Nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Disponível em: <<http://www.renatojanine.pro.br/prefacios/mariaekatia.html>> Acesso em 15/07/2015.

WACQUANT, Loïc J.D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de sociologia e política**. n.º19. Curitiba, nov./2002b, p.95-110.

WACQUANT, Loïc J.D. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002a.